



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**GISELE MARIA SCHWARTZ, GISELLE HELENA TAVARES  
e CRISTIANE NAOMI KAWAGUTI**

**(depoimento)**

**2011**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Gisele Maria Schwartz, Giselle Helena Tavares e Cristiane Naomi Kawaguti

**Entrevistador:** Rodrigo Ferrari

**Local da entrevista:** (UNESP) São Paulo

**Data da entrevista:** 20/06/2011

**Processamento da Entrevista:** Rodrigo Ferrari

**Páginas Digitadas:** 7

**Número da entrevista:** E-291

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 24/08/2012

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Rodrigo Ferrari intitulada *Gestão da informação e conhecimento em esporte e lazer: o caso do Repositório Institucional da Rede CEDES (RIRC)*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **Sumário**

Gestão da informação; Repositório Institucional da Rede Cedes; Pesquisa sobre a produção acadêmica da Rede Cedes; Projetos e relatórios; organização documental para elaboração de um livro sobre a produção da Rede Cedes; funcionamento do Repositório; Auto-arquivamento; Programa Esporte e Lazer na Cidade;

**Gisele Schwartz:** A proposta de desenvolvimento desse tema surgiu por uma necessidade veiculada pela própria Leila Mirtes de Magalhães Pinto, em relação à dificuldade que eles têm de gerenciar todas as informações relacionadas com os projetos financiados por eles. Com isso, nós sugerimos que o nosso laboratório poderia ficar responsável por fazer essa gestão da informação, com a proposta de organizar um pouco mais a chegada dessas informações, observar como os projetos e pesquisas estavam distribuídas, quais temáticas envolvidas, que impacto o próprio pesquisador reconhece que seu projeto tem em sua comunidade. Enfim, nós aventamos a possibilidade de organizar esses dados, já que eles não tinham essa sistematização.

Foi por isso que propusemos o projeto e essa pesquisa foi aceita como induzida pelo Ministério do Esporte (ME) e isso foi importante, porque ainda não fazíamos parte da Rede, então, isso foi motivo de grande alegria, porque, com base nessa proposta, eu pude pedir financiamento de bolsas para os alunos de Pós-Graduação e também pela visibilidade que isso poderia dar ao próprio laboratório. Tudo isso fez uma conjunção de fatores positivos, para que nós pudéssemos participar dessa proposta.

Todo processo foi extremamente complicado, pois tínhamos pouco tempo para fazer uma grande busca, além disso, enfrentamos muita restrição em nossa análise, porque, como eles não tinham uma sistematização na entrega dos relatórios, alguns deixavam de expor o que havia sido feito, ou os produtos que surgiram, Os pesquisadores não tinham uma exigência de colocar isso de volta para o ME. Então, não tínhamos respaldo nenhum para nos ater e coletar esses dados, em decorrência disso, nós sugerimos uma proposta de instrumento, onde se pudesse ter um retorno mais pontual relacionado com o financiamento desses projetos, os impactos e tudo mais e me parece que eles acataram isso e agora, a partir do próximo edital, provavelmente, esse instrumento já seja desenvolvido como uma forma obrigatória de retorno dos relatórios. Então, acho que aí sim, nós iremos ter maiores condições de fazer uma gestão mais consistente dos dados.

O que nós fizemos foi tentar entrar em contato com cada um dos pesquisadores envolvidos da Rede e, por nossa conta, pedir esses dados que nós precisaríamos ou achávamos importante, para servir como retorno nessa gestão da informação. Nós tivemos um retorno que não foi total, então, os dados que apresentamos em nosso relatório não são coerentes com o número total de projetos. Em função desse não

retorno dos próprios pesquisadores, tivemos que nos ater no que estava em nossas mãos, em função do tempo que tínhamos para entregar esse relatório. Portanto, são dados parciais, isso foi o que mais nos doeu, porque, com todo trabalho que tivemos, nós não conseguimos sistematizar todos esses dados que poderiam servir para alimentar o Repositório, o que, inclusive, era nossa proposta. Portanto, os dados são parciais, não por nossa culpa, mas pelas restrições que tivemos de acesso.

Com relação à questão do Repositório, eu acho que foi um grande passo, junto com a ideia de fazer o balanço, porque a união desses dois projetos é o que poderia enfatizar quanto de contribuição a Rede CEDES tem dado para a ciência de um modo geral e para os temas relativos ao Esporte e Lazer. Estamos tentando consolidar uma nova pesquisa, ainda em projeto, inclusive seguindo uma dica da Rejane Penna Rodrigues, nós vimos que a produção dos líderes subiu bastante com as propostas de financiamento dos projetos via edital, porque eles tinham que formalizar um projeto de pesquisa e, com isso, os retornos foram bastante positivos, em termos de produção de livros, artigos e, inclusive, de outros projetos que vieram a partir desse. Com isso, é de nosso interesse, inclusive aventado pela Rejane, que seria muito interessante conhecer o impacto na Área 21 da CAPES, da produção de conhecimento a partir desses editais financiados pela Rede CEDES. Isso é uma coisa que estamos pensando, ainda não temos nada organizado, mas é uma proposta de estudo bastante interessante para nosso grupo.

Agora, gostaria que elas comentassem diretamente como foi a pesquisa documental realizada dentro do ME, quais os principais desafios, obstáculos vencidos e que elas conseguiram contornar por estarem lá envolvidas com isso.

**Giselle Tavares:** A coleta de dados foi feita em dois processos. Inicialmente, nós mandamos os questionários para os pesquisadores, para termos as informações que nós precisávamos e depois fizemos uma coleta de dados no ME, porque alguns documentos eram enviados exclusivamente para o ME, ninguém mais tinha acesso a esses dados, os quais não podiam ser retirados do ME. Por isso, nós ficamos durante 30 dias no ME. O interessante desse processo foi estar dentro do contexto geral da Rede e observar como os funcionários trabalhavam, como era a estrutura de funcionamento, ou seja, de como era organizada essa rede. Por não fazermos parte da Rede, nós não tínhamos uma visão geral de como funcionava, o que possibilitou maior entendimento do funcionamento e

da estrutura da Rede. Por exemplo, entendemos melhor como eram realizados os financiamentos, a história de como surgiu a Rede em 2003, com a ideia do Prof. Lino Castellani Filho, e a mudança de gestão, principalmente a implementação dos editais, o que foi muito importante para entendermos melhor o contexto da Rede CEDES.

Nos deparamos com muita informação não organizada, o que dificultou nosso entendimento, portanto, nossa estada no ME foi muito importante para entender melhor o funcionamento e organização da Rede.

Com relação aos documentos, houve muita dificuldade. Tivemos acesso a esses relatórios, não existia uma padronização desses dados, alguns muito longos e elaborados, outros muito breves e superficiais.

**Rodrigo Ferrari:** Todos os projetos tinham relatório?

**Cristiane Kawaguti:** Foi informado que nem todos os documentos estavam localizados no prédio onde tínhamos acesso, então, nós tivemos que fazer um ofício, para que esses documentos fossem encaminhados para onde nós estávamos, e nem todos foram localizados. Em função do tempo, eles nos avisaram que, em função da burocracia, até os documentos chegarem, nós já teríamos ido embora. Portanto, não tivemos acesso a todos os documentos.

**Rodrigo Ferrari:** Então, temos dois problemas, nem todos os pesquisadores mandam os relatórios e o outro a organização interna.

**Cristiane Kawaguti:** Daí, surge a questão da padronização dos documentos que eram enviados, pois era apenas um relatório, o projeto em si, outros já apresentavam dados mais específicos. Uns de 400 páginas, mas sem as informações que precisávamos, e outros com 5 páginas, relatando apenas como surgiu o projeto.

**Rodrigo Ferrari:** Como resultado desse trabalho vocês criaram um instrumento para padronizar esses relatórios, que é algo que contribui diretamente com o Repositório, pois, uma das ideias é a obrigatoriedade do depósito desses relatórios.

**Gisele Schwartz:** Uma coisa importante que podemos destacar é sobre a dificuldade de se utilizar o Repositório.

**Giselle Tavares:** Antes, para complementar em relação ao instrumento, ele já está disponível, então, as pesquisas que apresentarem os resultados de 2009 já vão utilizar esse instrumento de forma obrigatória, que é a ideia que propusemos em nosso projeto. Não me lembro se colocamos o mesmo em relação ao Repositório, mas, com certeza, sobre o instrumento. Com relação ao Repositório, no evento em Brasília nos apresentamos os resultados do nosso livro, que mapeou os livros, artigos... acho que ele ficou até um pouco desconcertado na fala dele, porque ele não imaginava que tivesse um número tão grande de publicações e desdobramentos e que não havia esses documentos no Repositório. Com o acompanhamento que estamos fazendo, ainda existe esse compromisso dos pesquisadores e o que o Giovani de Lorenzi reforçou na apresentação é que deve haver uma obrigatoriedade dos pesquisadores para que eles coloquem seus trabalhos, projetos e desdobramentos, que é o importante para consolidar uma cultura entre os pesquisadores, porque, até o momento, como o depósito ainda é "algo livre", fica na consciência, não existe, pelo que percebemos. Por isso, acreditamos que isso deveria ser contemplado via edital, pois os pesquisadores que conseguiram a verba devem ter esse compromisso de vincular esse relatório no Repositório.

**Gisele Schwartz:** Por outro lado, em termos da questão física do Repositório nós, como instituição, não conseguimos acesso ao Repositório para alimentar o sistema com dados de nosso projeto.

**Cristiane Kawaguti:** Tentamos fazer o depósito de documentos, os desdobramentos de nossa pesquisa, mas, no passo que temos que optar pela instituição para fazer o depósito a UNESP, não aparece. Provavelmente, por não sermos um núcleo, não existe a UNESP como subcomunidade para o depósito, mas, como nos temos muito dados, seria interessante continuar contribuindo (erro técnico meu).

Outra coisa que pensamos era na organização, de uma pessoa no projeto ficar responsável por essa parte burocrática de preenchimento do relatório e abastecimento do Repositório.

**Gisele Schwartz:** Eu acho isso muito importante, se em cada projeto nós conseguíssemos um monitor responsável, tanto para sistematização dos dados da própria pesquisa, quanto para divulgação no Repositório, para preenchimento dos relatórios adequadamente, acho que acabaria com o problema da gestão da informação, porque essa pessoa seria encarregada diretamente para suprir tudo que precisamos. Talvez isso tivesse que entrar na lógica dos editais, da mesma forma que tem dificuldades nessa disseminação espontânea da informação, nós também tivemos para coletar as informações dos dados das pesquisas relacionadas com a Rede CEDES no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq, que também é espontâneo no abastecimento das informações e têm pesquisadores que não atualizam seus dados e não conseguíamos contatar essas pessoas. Como não tínhamos os dados pela Rede CEDES nós tentamos ir atrás do pesquisador e no CNPq, porque ele também é outra fonte de coleta de informações sobre as pesquisas, mas não conseguimos, pois muitos não atualizam a própria página.

**Rodrigo Ferrari:** Quando eu li a tabela com as produções, com mais de 900 produções, com certeza isso desconcertou a fala do Giovani porque nós tínhamos pouco mais de 100 objetos.

**Gisele Schwartz:** Acho interessante que, na proposta do cadastramento, quando o projeto for aprovado, imediatamente os pesquisadores tenham essa obrigatoriedade de veicular suas pesquisas, pois o dinheiro que eles estão recebendo é público e isso faz parte da prestação de contas. Isso deve ter sido uma dificuldade sua, porque vocês estão tentando abastecer o Repositório com os projetos desde o início da Rede e têm pesquisadores que não possuem mais nenhum vínculo com a Rede, por exemplo, tiveram uma pesquisa financiada em 2004, você entra em contato com eles e eles nem lembram mais o que aconteceu com essa pesquisa. Quando o pesquisador almeja continuar na Rede, o resgate das informações é mais fácil, mas alguns pesquisadores que não têm mais esse vínculo não têm interesse de suprir o Repositório, ou de responder à pesquisa.

É importante comentar que isso melhorou, que, com a progressão dos anos, as informações estavam melhor organizadas, o que facilita nosso trabalho, mas ainda não



está perfeito. Nós tivemos mais acesso aos dados das pesquisas mais recentes do que as mais antigas, isso é um fato positivo.

Outra coisa importante nesse sentido foi a ideia da vinculação de uma necessidade de uma produção material em forma de livro sobre o projeto, isso foi uma das grandes riquezas que observamos em relação a essa obrigatoriedade proposta nos editais. Quase todos os projetos do último edital tinham a produção de um livro como proposta do projeto, isso materializa e facilita a organização da informação.

**Rodrigo Ferrari:** Isso também ajuda no cumprimento das exigências de produção do meio acadêmico, pois são livros que podem se desdobrar em artigos e o círculo se alimenta. Outra coisa, sem dúvida, buscar o passado da Rede CEDES para alimentar o Repositório é a principal dificuldade, mas, a partir de agora, a organização passa a ser fácil com a pesquisa de vocês e o Repositório. No campo dos repositórios têm duas dimensões referentes ao comportamento de disponibilizar as informações e conhecimentos, a primeira é o mandato, a segunda é a formação dos pesquisadores capazes de compreender a importância e responsabilidade de disponibilizar sua produção. Como vocês acham que poderíamos atuar no sentido da formação desses pesquisadores?

**Gisele Schwartz:** Uma das propostas de nosso trabalho foi a ideia do e-gov, que nós nem sabíamos que existia, a Cris pode falar mais sobre isso que é a tese de doutorado dela.

**Cristiane Kawaguti:** O e-gov é uma ferramenta governamental de controle e fiscalização das ações governamentais, não apenas o governo, mas a população pode fiscalizar. Acho que um primeiro passo foi o Repositório, a ideia é criar um projeto em que haja maior troca de informações entre os pesquisadores e as demandas locais, uma proposta de um site interativo, que as pessoas pudessem avaliar também os projetos que estão sendo desenvolvidos, uma forma de cobrar o uso do dinheiro público que está sendo investido nesses projetos.

**Gisele Schwartz:** É uma ferramenta que já existe, ela não é alimentada e não tem visibilidade nenhuma. Mas, fora isso, essa vinculação de necessidade de o pesquisador

assumir o dever de postar os arquivos no Repositório quando é contemplado pelo edital, acho que essa é a única forma de termos um resultado nesse sentido. Espontaneamente, nós observamos que isso não foi feito, mesmo que haja boa vontade, mas as desculpas de tempo e dificuldades técnicas são barreiras recorrentes. Por isso, nós defendemos a obrigatoriedade.

**Rodrigo Ferrari:** Essa perspectiva está alinhada com outras propostas de repositórios espalhadas pelo mundo, que é a questão do mandato. O Repositório nasceu com o projeto piloto ligado a uma possível ampliação para o PELC no sentido de contribuir com a formação dos gestores e, de acordo com a fala da Leila, essa produção do conhecimento articulada com a ação do gestor não foi alcançada de forma satisfatória.

**Gisele Schwartz:** Uma das propostas de nossa pesquisa, que não foi realizada a contento devido às dificuldades, era mapear o impacto das pesquisas sob a óptica do pesquisador, ou seja, com o que ele contribuiu em sua comunidade com o projeto que desenvolveu? Se esse tipo de questionamento for feito, os pesquisadores terão que ir atrás e ver quantas pessoas foram atendidas, ou o que ele pode alterar na legislação da própria comunidade, esses impactos são muito importantes para serem valorizados, por isso, algo itinerante (reuniões, encontros, etc.) poderia começar a jogar essa semente.

**Gisele Tavares:** Uma sugestão seria aproveitar melhor as reuniões regionais de financiamento da Rede CEDES e do PELC. Eu participei da reunião da região sudeste e percebi que os pesquisadores e gestores não dialogam nessas reuniões. Na reunião ficou muito evidente que PELC era uma coisa e Rede CEDES era outra. Por isso, deveria incentivar mais a interação entre os pesquisadores e gestores na forma de seminários, congressos e reuniões, para evitar que as pesquisas sejam apresentadas e discutidas apenas entre os pesquisadores enquanto os gestores estão tratando de outras questões e demandas.

**Cristiane Kawaguti:** Outra coisa que apareceu na nossa pesquisa é a diferença que há entre as regiões, especialmente a norte, com poucos projetos e muitos problemas, onde essas reuniões e encontros seriam muito importantes para diminuir essa problemática.

[FINAL DO DEPOIMENTO]